

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUES

ROMÁRIO DE SALES RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA COMO ALVO DE CRÍTICAS NO  
GÊNERO TEXTUAL CHARGE: UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE DO  
DISCURSO**

PICOS

2014

ROMÁRIO DE SALES RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA COMO ALVO DE CRÍTICAS NO  
GÊNERO TEXTUAL CHARGE: UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE DO  
DISCURSO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Leila Rachel  
Barbosa Alexandre

PICOS

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**R696e** Rodrigues, Romário de Sales.  
A educação brasileira como alvo de críticas no gênero  
textual charges: um estudo à luz da análise do discurso /  
Romário de Sales Rodrigues. – 2014.  
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (40 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade  
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.  
Orientador(A): Profa. Me. Leila Raquel Barbosa Alexandre

1. Análise do Discurso. 2. Charge. 3. Educação Brasileira.  
I. Título.

**CDD 401.41**

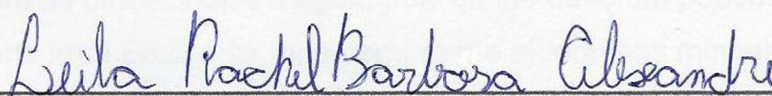
ROMÁRIO DE SALES RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA COMO ALVO DE CRÍTICAS NO  
GÊNERO TEXTUAL CHARGE: UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE  
DO DISCURSO**

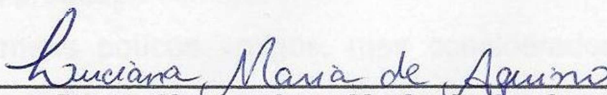
Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação apresentado ao Curso de  
Letras da Universidade Federal do  
Piauí, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em  
Letras - Português.

Aprovado em: 12 / 08 / 2014

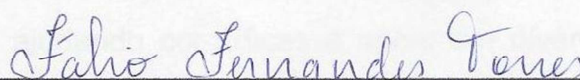
**BANCA EXAMINADORA**



**Profa. Ma. Leila Rachel Barbosa Alexandre (Presidente)**  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



**Profa. Ma. Luciana Maria de Aquino (1ª examinadora)**  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



**Prof. Me. Fábio Fernandes Torres (2º examinador)**  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe Antônia, que sempre me ajudou e me apoiou em todas as minhas escolhas, que desde os meus primeiros momentos de vida aos dias de hoje sempre esteve presente, e sempre esteve/está disposta e pronta para me ajudar. Mãe eu não poderia jamais me esquecer de citar você em um momento tão especial quanto este, pois você é a minha maior fonte de inspiração e o meu maior orgulho.

Ao meu pai Raimundo (In memoriam) que sempre me ajudava. Sinto muita falta de você pai. Você sempre me levava para a universidade, quando eu perdia o ônibus, ou mesmo quando eu me atrasava. Você se foi de uma maneira muito triste, mas sempre levarei seu nome e as recordações gravados em meu peito, como uma lembrança que nos colocará lado a lado e que o tempo jamais será capaz de apagar. Pai, além da eternidade eu vou te amar.

Ao meu Deus todo poderoso, por ter me dado força, coragem e paciência de perseverar neste caminho. Quero agradecer com o coração cheio de orgulho, pois sempre senti sua presença e sua força nos meus momentos mais difíceis.

A minha segunda mãe, minha madrinha Saleth Anny que muito me orgulha. Minha motivadora, que desde o final do colegial, esteve me incentivando, brigando comigo, me mandando sair da internet e ir estudar para passar no vestibular. Contudo, hoje eu sou muito grato a você por isso, e me recordo-me de tudo com orgulho e com os olhos cheios d'água, pois eu lhe devo um pouco deste momento.

A minha irmã Ercilândia, que sempre me ajudou nas minhas escolhas, mesmo brigando muito, contudo sempre esteve ao meu lado, me ajudando em muitos momentos emergentes e delicados, pois sei que, de todos os meus irmãos, você é a que mais se preocupa comigo.

Aos meus poucos amigos, mas considerados e muito queridos por mim. Minha amiga Rebeca, que sempre me deu apoio psicológico, sempre me ajudando e incentivando nas minhas escolhas pessoais, e sempre me apoiando a resolver meus problemas. Ao Oceano, uma pessoa sempre presente no meu dia-a-dia. Ao Alex Silvestre, me ajudando com dicas e apoio em diversos momentos, confiando em minha amizade e em minha palavra.

Ao meu amigo José Lima, contando sempre com seu apoio incondicional, disposto a me ajudar a qualquer hora do dia ou da noite. Este também foi um marco

divisor na minha vida, pois me ajudou a realizar um dos meus maiores sonhos e projetos de vida.

Aos meus irmãos, Cecilândia (In memoriam), a minha irmã Joaquina (Kaká), meu irmão Nonato e minha cunhada Conceição, minha irmã Maria das Dores, e minhas sobrinhas Jéssica e Jennifer. Meu laço familiar.

A todos os que fazem parte do meu meio social, meus amigos, aos conhecidos, presentes direta ou indiretamente na minha vida pessoal, real, ou no meio virtual, a todos que sempre estiveram me acompanhando nesse momento importante da minha vida.

A Deus, força maior que me trouxe até aqui, aos meus pais, minha mãe Antônia e meu pai Raimundo (In memoriam) e a professora Leila Rachel pela sua competente orientação.

Há para todas as coisas, um tempo determinado por Deus, tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu. Ec. 3:1



## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar o discurso verbal e não verbal de charges que abordam a atual situação da educação pública brasileira. Especificamente, discutimos a compreensão de características peculiares presentes no gênero textual charge, inferindo o contexto histórico-político-social presente na construção desses discursos sobre o atual cenário da educação nacional e agregando essa discussão à análise dos recursos e mecanismos utilizados pelos chargistas para situar o leitor na intenção almejada. Realizamos uma pesquisa qualitativa, baseada em levantamentos bibliográfico. Nosso corpus de análise foi composto por textos chárgicos coletados na internet. Apresentamos os resultados, utilizando-nos do confronto das apreciações das charges com a apropriação dos conceitos desenvolvidos por autores como Bazerman (2006), Marcuschi (2002), Pessoa (2001) e Plagiosa (2005), que tratam de questões ligadas ao estudo das charges como gênero textual; Brandão(2014), Maingueneau (2001) e Azeredo (2001), que discorrem sobre leituras de charges à luz da Análise do Discurso, entre outros. Esse estudo procura mostrar a charge, destacada pelo uso da imagem, utilizada com a intenção de estimular o leitor a fazer uso de sua capacidade de interpretação e assim construir uma consciência crítica. Através do corpus chárgico analisado, podemos observar algumas formas de como o ensino público é tratado nas charges e quais estratégias os autores das mesmas utilizaram para tratar do ensino público em seu trabalho. Para tanto, utilizamo-nos dos conceitos da análise do discurso. Ademais, esse estudo mostrou que os textos chárgicos buscam muito além do que meramente fazer rir. E ainda é válido destacar que esse estudo reforçou o espaço que a leitura interpretativa de charges vem conquistando na sociedade atual, visto que, além de estar sempre presente nas mídias de informação, vem sendo uma aptidão cada vez mais exigida em provas de vestibulares e concursos por ser um padrão de texto que exige um nível de conhecimento de mundo e capacidade para deduzir críticas e relacioná-las a fatos sociais.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Charges. Educação brasileira.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 — Charge I .....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 2 — Caricatura .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 3 — Charge II .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 4 — Cartum .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 5 — Charge III .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 6 — Charge IV .....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 7 — Charge V .....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 8 — Charge VI .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 9 — Charge VII .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 10 — Charge VIII .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 11 — Charge IX .....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 12 — Charge X .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 13 — Charge XI .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 14 — Charge XII .....</b>	<b>36</b>

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 ANÁLISE DO DISCURSO EM FOCO .....	11
<b>2.1 Considerações Iniciais</b> .....	11
<b>2.2 Características fundamentais da Análise do Discurso segundo Dominique Maingueneau</b> .....	13
3 COMPREENDENDO O GENERO TEXTUAL CHARGE .....	17
<b>3.1 Charge: da definição ao surgimento</b> .....	17
<b>3.2 Diferenciando Charge, Caricatura, Cartum e Tirinha</b> .....	19
<b>3.3 Linguagem verbal, não verbal e outros elementos da construção chárstica</b> .....	23
4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	26
5 ANÁLISE DAS CHARGES UTILIZADAS COMO INSTRUMENTO DE CRITICAS AO CONTEMPORANEO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA .....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS.....	40

## 1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, um novo conceito de trabalho na área de linguística diz respeito à leitura e ao manuseio de gêneros textuais, sendo que estes gêneros são sócio e historicamente situados. Dessa forma, o uso da língua insere-se em um contexto sócio-histórico. Assim, as práticas de linguagem escolarizadas confrontaram-se ao longo do tempo com meio econômico e cultural, produzindo discussões acerca da realidade educacional além das paredes que limitam a sala de aula. Destacamos, ainda, que as charges têm adquirido cada vez mais espaço na internet, em livros, revistas, entre outros. São estes espaços que nos fornecem charges na atualidade.

Percebemos que os gêneros textuais têm relação com o uso da língua dentro de um contexto que envolve as contribuições sociais e históricas, recebidas ao longo de sua construção, de modo que os gêneros dizem muito através de suas estruturas e intencionalidades.

Quando se trata de gêneros textuais, a charge se enquadra como sendo um gênero bastante recente e que se baseia “no contexto de uma leitura opinativa, com humor e com efeito de compreensão que difere do entretenimento. A charge assume seu papel como agente de informação de um fato contemporâneo” (PESSOA, 2011, p.24).

Compreendemos que a charge aborda assuntos contemporâneos a partir de uma apresentação crítica, que desperta o leitor para a realidade que o cerca. Baseando-nos nisto, acreditamos que os discursos destes textos trazem marcas de persuasão e pressupõem uma intenção. Ou seja, tudo que é dito não é dito por acaso, tem sempre um objetivo, uma finalidade mediada pelo discurso. Considerando isto, esse estudo segue, apoiando-se nas premissas da Análise do Discurso, ciência da linguagem que compreende não somente a gramática existente nos textos, mas atenta-se ao discurso, tentando apreender os sentidos emanados na enunciação.

Realizamos, através desta pesquisa, uma análise dos elementos presentes no gênero textual charge, dando ênfase aos recursos linguísticos e imagéticos utilizados, que trazem um discurso crítico quanto à atual situação da educação pública brasileira, inferindo interpretações através das habilidades e concepções apreendidas pelas ideias da linha francesa da Análise do Discurso.

Assim, trazemos como justificativa desse trabalho o interesse em analisar a charge como gênero textual de caráter verbal e visual, devido ao destaque que ela tem encontrado nos diferentes espaços sociais, além de ter chamado atenção de vários pesquisadores da área de linguística, pois o seu uso em escolas e espaços universitários tem crescido bastante e atingido diferentes campos do saber. Além disso, as charges estão presentes maciçamente nas mídias sociais, tentando, por meio da sátira, denunciar os problemas que a sociedade tem vivido.

Esta monografia contém, além desta Introdução e das Considerações Finais, mais três capítulos. No capítulo 2, tratamos das bases teóricas referentes ao entendimento da Análise do Discurso, trazendo uma síntese das ideias dos autores Brandão (2004) e Maingueneau (2001). No capítulo 3, discutimos a compreensão da charge como gênero textual, apresentando um pouco da história desse gênero, definindo-o e diferenciando-o de outros gêneros com características semelhantes, como é o caso da caricatura e do cartum. Ao fechamento do capítulo, abordaremos os mecanismos empregados nas linguagens verbal e não verbal presentes em charges. No capítulo 4, descrevemos a metodologia utilizada em nossa pesquisa. E, por fim, temos o capítulo 5, como o capítulo de análise dos discursos do material chágico coletado, no qual estudamos as intenções dos chargistas que elaboraram o nosso objeto de estudo. Dessa forma, fundamentamos nossas observações de elementos da construção chágica, dialogando com as ideias de autores que se posicionam em relação ao emprego dos mecanismos discursivos verbais e não verbais que compõem o nosso corpus de análise.

## 2 ANÁLISE DO DISCURSO EM FOCO

Este capítulo trará a abordagem do que vem a ser a escola teórica da Análise do Discurso, sintetizando desde o seu surgimento até as suas principais características de aplicação, esclarecendo as bases conceituais utilizadas durante a construção desse trabalho monográfico, principalmente quando buscamos desvelar as intenções de chargistas através das análises de textos chárgicos que fazem referências ao atual contexto da educação pública brasileira.

### 2.1 Considerações Iniciais

A escola francesa da Análise do Discurso surgiu por volta da década de 60, período em que a França passava por manifestações populares estudantis em busca de melhorias no ensino público. Por conseguinte, o movimento liderado por grandes intelectuais da época procurava entender os discursos políticos emanados naquele contexto. Assim, foram surgindo os primeiros teóricos a defender como isso poderia ser feito utilizando conhecimentos das tendências linguísticas.

Percebemos a Análise do Discurso como uma ciência nova, abordagem que surgiu em deslocamento às precursoras análises linguísticas, aquelas que se preocupavam apenas com estudos gramaticais das relações língua/fala. Sendo assim, estudar o discurso é compreender o tempo e o espaço atravessados pelas entradas subjetivas e sociais.

Análise do Discurso (AD) definida inicialmente como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado” não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é a analisar só a parte gramatical da língua (a palavra, a frase), mas leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que cercam a produção de um discurso e nele se refletem; o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade.(BRANDÃO, 2004, p. 23)

De acordo com as ideias acima, compreende-se que, anterior ao surgimento da AD, as únicas análises que existiam constituíam-se a partir de uma apreciação exclusivamente gramatical, em que não se era dada importância aos elementos externos da língua: cultura, ideologia, história, etc. Ou seja, as escolas de análise textual anteriores a AD não visavam compreender ou inferir as entrelinhas de um

texto, mas apenas decodificá-lo e situá-lo gramaticalmente em tipologias ou gêneros textuais. A charge tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade e circulado cada vez mais, graças ao alcance da internet. Dessa forma, insere-se no âmbito social e histórico onde o discurso é produzido e se torna integrante da cultura.

Para Orlandi (1999, p. 17 apud BRANDÃO, 2004), “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/ para os sujeitos”. Sendo assim, o ato de analisar o discurso surge como elo entre as apreciações ideológicas e os fenômenos linguísticos, desvelando a relação entre o linguístico e o extralinguístico.

A linguagem não pode ser estudada fora da sociedade, pois a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, é um elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade como forma de engajá-lo na própria realidade. Os processos que constituem a linguagem são histórico-sociais e, dessa maneira, seu estudo não pode ser desvinculado de suas condições de produção. (BRANDÃO, 2004, p. 22)

Deste modo, ao trazer a ótica de que toda linguagem está inserida dentro de um eixo social peculiar a ela, é que compreendemos o objetivo da Análise do Discurso, que é estudar a significação dos enunciados<sup>1</sup>

numa postura sócio histórica, em que, partindo deste conceito, encontra-se vertentes que convergem para se chegar a uma análise de intencionalidades relacionadas à ideologia, intertextualidade, interdiscursividade<sup>2</sup>, heterogeneidade e diálogo presentes nas construções textuais. (BRANDÃO, 2004, p. 23).

Brandão (2004) nos diz que há duas maneiras distintas de ser ver a teoria do discurso. Ela pode ser entendida como uma expansão dos estudos da linguística ou como um reflexo da possível crise da mesma, principalmente nos seus aspectos semânticos.

Ainda deixa bem claro que não se pode afirmar que discurso é apenas um contexto, como se ele fosse uma espécie de moldura que envolve realidade. Deve-

<sup>1</sup> Enunciado é uma noção discursiva que se opõe à noção de frase gramatical. Ou seja, uma frase é abstrata, não é o produto de um sujeito concreto, tem um sentido neutro ao passo que o enunciado é produzido por um sujeito concreto (de carne e osso), por isso é concreto, expressa as atitudes desse sujeito (suas ideias, preconceitos, crenças, emoções etc.) (BRANDÃO, 2004, p.25)

<sup>2</sup> A relação de diálogo que um discurso trava com outros discursos: todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos, isto é, ao falar citamos, discutimos, polemizamos com outros discursos situados no presente ou no passado. A interdiscursividade é própria de todo discurso e é consequência do princípio do dialogismo que caracteriza a linguagem humana. (BRANDÃO, 2004, p.25)

se lembrar que há uma relação de dependência entre ambos para que seja alcançada sua função comunicativa.

Podemos definir discurso como toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes. O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. Às vezes, esses sentidos são produzidos de forma explícita, mas na maioria das vezes não. (BRANDÃO, 2004, p. 12)

Através das colocações acima, percebemos que, ao mencionarmos que vamos analisar um discurso, fica bem claro que esmiuçaremos os seus aspectos linguísticos ou visuais, situados em um espaço de tempo (histórico ou geográfico), agregados a uma série de intenções, valores e ideologias utilizados pelos autores dessas construções textuais.

No entanto, nem sempre estas características vão estar evidentes no texto. Em muitos casos, os autores procuram não se comprometer com as críticas ou sátiras político-sociais que fazem, mas as deixam nas entrelinhas para que o leitor, com sua bagagem de conhecimento de mundo, chegue às suas próprias conclusões, ressaltando que os autores, ao escreverem algo, apresentam suas intenções, mesmo que de maneira sutil, pois nenhum discurso pode ser considerado neutro, todo discurso está situado.

## **2.2 Características fundamentais da Análise do Discurso segundo Dominique Maingueneau**

Os esclarecimentos a seguir foram realizados com base nos estudos de Maingueneau (2001), que define o alicerce da Análise do Discurso através do tripé: língua (oral ou escrita), situação (tempo e espaço de produção) e contexto (crenças, valores, ideologia). É com base nesses pontos que o locutor pode estruturar suas evidências perceptivas ao interlocutor para que ele possa inferir quais foram as intenções daquela produção textual.



Mainueneau (2001) afirma que a Análise do Discurso nasce envolta em uma multiplicidade que pode acarretar em muitas confusões, pois existe uma pluralidade de concepções a respeito do que vem a ser discurso. Dessa forma, a teoria deve voltar sua atenção a essa multiplicidade, sendo que é preciso construir interpretações sem neutralizá-las. É preciso compreender o discurso para que a Análise do Discurso não se perca em meio à multiplicidade de acepções e passe a ser uma expressão sem significado.

Mainueneau (2001) ressalta que o discurso precisa de um texto para existir, seja ele falado ou escrito. Além disso, para inferir um discurso, tem-se que dominar primeiramente os conhecimentos linguísticos do texto, apreciando o seu vocabulário e a gramática, isto é, suas regras morfológicas e sintáticas. Só então, a partir deles, alcançaremos a percepção dos conhecimentos extralinguísticos (conhecimento de mundo, ideológicos, culturais, históricos), diagnosticando nas entrelinhas do que trata o texto.

Um mesmo enunciado pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando com isso sentidos diferentes conforme a posição sócio-ideológica de quem fala. Isso porque apesar de a língua ser a mesma gramaticalmente, ela não é a mesma do ponto de vista discursivo, isto é, da sua realização, por causa da interferência desses fatores externos: quem fala, para quem se fala, de que posição social e ideológica se fala. (MAINGUENEAU, 2001, p. 33)

Na perspectiva da citação acima, detectamos que um mesmo discurso pode ter interpretações diferentes. Isso se dá devido ao período de tempo ou contexto em que ele esteja sendo veiculado, ou seja, ao analisar-se um discurso, temos que primordialmente conhecer em qual situação e período de tempo histórico-político-social ele foi construído.

Conforme Mainueneau (2001), o discurso possui algumas características que lhes são inerentes, sendo que o discurso é uma organização situada com extensão além da frase, ele é orientado e é também uma forma de ação, o discurso é interativo e contextualizado, é assumido por um determinado sujeito e, por fim, o discurso é conduzido por normas.

Já outra particularidade relevante, quando Mainueneau (2001) fala em discurso, é que todos eles trazem uma intenção de primeira pessoa, isto é, existe alguém responsável pelo que diz, podendo aparecer de forma explícita ou implícita, dependendo do gênero textual que for empregado. A enunciação, por meio dos sujeitos,

materializa o sentido que é construído pelo analista na materialidade linguística. Essa materialidade leva o analista a construir juntamente com o leitor o sentido do texto, assim o sentido não é estável, mas suscetível à construção durante o intervalo de posições enunciativas. Nesse aspecto, é relevante mencionar a cena de enunciação que é, no conceito de Maingueneau (2001), dividida em três partes, sendo elas cena englobante, genérica e cenografia. A cena englobante refere-se ao tipo de discurso e não é satisfatória para esclarecimentos acerca das atividades discursivas nas quais os sujeitos se inserem. A cena genérica diz respeito ao gênero do discurso, pois dominar os gêneros é primordial para ter competência discursiva. Quanto à cenografia, esta é aquela que apresenta o confronto do coenunciador, diz respeito ao contexto implicado pela obra, refere-se à cena da fala que o discurso pressupõe para que seja enunciado.

Além do mais, não se pode esquecer que o discurso trabalha com enunciados, que são atos de representação concreta de ideias, emoções, intencionalidades, crenças, entre outros, e com dimensões dialógicas, ou seja, o diálogo utilizado quando falamos ou escrevemos tem sempre em mente a pessoa que nos escuta ou nos lê, assim o discurso é dialógico por natureza. Bakhtin (2005) afirma que o dialogismo é o princípio básico da existência humana, pois participamos sempre de um diálogo, sendo que a interação com o outro é inevitável.

Mesmo nos casos de monólogos, fazemos pensando em nós mesmos, e isso irá agregar sentido de alguma forma. No entanto, pode acontecer o inverso, o monodialogo passa a dar lugar ao chamado discurso polifônico, que é quando o discurso dialoga com outros discursos, podendo assim haver relações de concordância ou discordância total ou parcial entre essas vozes do diálogo, efeito também conhecido como interdiscursividade.

Na perspectiva de Maingueneau (2001), o discurso é considerado uma capacidade de um interdiscurso que é conceituado pelo autor como um conjunto de discursos que apresentam entre si uma relação discursiva. Cabe nesta discussão apresentar elementos da AD francesa preponderantes na concepção de Maingueneau (2001): universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

O universo discursivo é finito e não pode ser representado, nem compreendido em sua globalidade. Para Maingueneau (2001), o universo discursivo é um conjunto de formações discursivas que é heterogêneo e que integra-se em uma conjuntura. No que diz respeito ao campo discursivo, podemos dizer que é um

conjunto de formações discursivas que concorrem entre si e acabam por delimitar-se em uma região do universo discursivo. Já o espaço discursivo é subconjunto do campo discursivo, ele apresenta formações discursivas que são preponderantes para o entendimento de discursos em questão.

Portanto, a partir das colocações interpretativas das ideias de Maingueneau (2001), chegamos à conclusão de que discurso é tudo que o homem produz em termos de linguagem falada ou escrita. Essa produção vai variar de acordo com o tipo de atividade e a situação que vai exigir do falante maneiras diferentes de se comportar de acordo com o gênero textual utilizado. Assim, “Ver a língua de um ponto de vista discursivo é, portanto, ir além dos horizontes dados pela gramática” (MAINGUENEAU, 2001, p. 11), ou seja, é entender, através das marcas e pistas deixadas, aquilo que foi dito ou foi silenciado.

### 3 COMPREENDENDO O GENERO TEXTUAL CHARGE

Como esse trabalho trata perspectivas da Análise do Discurso em charges, então, primeiramente, visamos compreender qual o conceito desse gênero textual, em qual contexto ele surgiu dentro da história e quais são as formas de construções e mecanismos empregados pelos autores desses textos no intuito de atingir suas intenções comunicativas, além de mostrarmos as diferenças entre a charge e outras construções textuais com características semelhantes a ela.

#### 3.1 Charge: da definição ao surgimento

A palavra “charge” vem do francês *charger*: “carregar”, “exagerar”, ou seja, exagera traços do contexto ou caráter de alguém ou de algo para torná-lo cômico e tem como finalidade a crítica humorística a um fato peculiar, na maioria das vezes, de natureza social e que aborde uma situação atual e atraente para o público leitor. A charge satiriza episódios atuais e envolve um ou mais personagens, é um estilo ilustrativo como o que podemos observar a seguir:

Figura 1 — Charge I



Fonte: Charges Online/2012

<http://professorandregeografia.blogspot.com.br/2009/06/saude-publica.html>

Percebemos que, no interior do discurso da charge, há todo um contexto social relacionado à ironia emitida na mesma. Compreendemos que, para atingir este intuito, o seu produtor deve ter um conhecimento amplo sobre o objeto a ser trabalhado. No exemplo acima, vemos que o autor explorou o cenário da Saúde Pública no Brasil, enquanto isso, o interlocutor, para compreender a intenção, deve ter conhecimento dos discursos que atravessam determinada situação da charge, para que no final ele possa resgatar o humor intrínseco a este material.

Dessa forma, o texto chárstico torna-se uma fonte de comunicação fluente no século XXI. No entanto, sabemos que desde o início da história da civilização humana o homem sempre se empregou em criar diversos modos de comunicação, que estão integralmente relacionados ao contexto sócio-histórico-cultural de cada período. Então, quando falamos em charge como meio de comunicação de massa, como bem nos coloca Bazerman (2006), não podemos deixar de falar da imprensa. Foi graças a ela que esse gênero textual começou a circular e ganhou destaque mundialmente, tendo início nos Estados Unidos, em 1895, com o surgimento dos *comics*, primeira nomenclatura aos textos que introduziram a técnica de articular linguagem verbal e não verbal, os popularmente conhecidos como textos em balões.

Em seguida, com seu aperfeiçoamento, surgiram as Histórias em Quadrinhos (HQ). Elas foram as responsáveis pelo aumento da vendagem dos jornais norte-americanos. Isso alavancou o mercado jornalístico, pois a cada dia novos leitores eram atraídos. Assim, a imprensa norte-americana tornou-se bem competitiva, empregando como ferramenta os quadrinhos.

Então, sentiu-se a necessidade de se trazer à tona uma construção textual que se diferenciasse das HQ's, no sentido de utilizar-se uma combinação verbal e não verbal inovadora, de forma bem humorada, a fim de esboçar críticas geralmente políticas: a charge. Não podemos deixar de mencionar também que a imprensa dessa época englobava apenas jornal e televisão e que, nas últimas décadas, houve o auge da invenção da internet. Durante esse período, aconteceu uma verdadeira revolução nos acessos à comunicação e os textos chársticos que já existiam começaram a ser bem mais vistos e divulgados.

Foi diante desse progresso comunicativo, que as charges, assim como tantos outros gêneros, adquiriram um espaço de maior visibilidade social e se transformaram de acordo com a conjuntura histórico-cultural e com as inovações tecnológicas.

A partir desse desenvolvimento, vimos nascer as charges virtuais, veiculadas através da internet e da televisão. Assim, percebemos que o homem possui criatividade e é justamente esse poder criativo que faz com que os gêneros constituam estruturas flexíveis, as quais possam se ajustar às possibilidades sócio-históricas.

Sendo assim, a profissão de chargista, como aquele responsável pela construção das charges, alavancou grande destaque. No geral, eles, em sua maioria, são jornalistas, já que a charge não deixa de ser um texto noticioso, que necessita de um estudo e análise sobre determinado momento histórico-cultural para que se possa conduzir eficazmente seu papel de registro histórico, tendo-se em vista que o leitor, indo ao encontro do material chárstico, busca conhecer as variadas opiniões críticas e bem humoradas dos chargistas a respeito de algum fato.

Portanto, deixamos claro que, para a produção de sentido e a compreensão de uma charge, é preciso nos localizarmos dentro de um contexto histórico-social transmitido pelo autor, que guia-nos a uma determinada conclusão. Então, estudar as produções chársticas é desvendar os bastidores de uma dada situação, é sondar a origem e o contexto sócio-histórico necessário para o entendimento da intenção de um produtor de charge para com o seu público alvo.

### **3.2 Diferenciando Charge, Caricatura, Cartum e Tirinha**

A distinção entre charge, caricatura e cartum traz muitas dúvidas às pessoas, já que são esteticamente gêneros textuais parecidos, que utilizam humor como ferramenta de construção de uma crítica aplicada a fatos ou pessoas. Então, visando essa inquietação, trataremos nesse sub-tópico uma rápida explanação de cada um deles.

Como vimos claramente na figura 1 do exemplo chárstico do item 3.1, podemos afirmar que a charge é uma crítica humorística de uma ocorrência específica, atual e não atemporal:

A charge comunica-se mediante informações que envolvem fatos e é, ao mesmo tempo, um texto crítico. É a reprodução gráfica de um tema conhecido dos leitores conforme a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, a charge importa figuras existentes no mundo real. Assim, caricaturas e símbolos são utilizados e não desenhos lúdicos, fantasiosos. É indispensável ter detalhes que forneçam informações satisfatórias para a

captação do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas representando o assunto. (AZEREDO, 2001. p. 24)

A ideias acima esclarecem que o gênero textual charge apropria-se de uma situação da realidade para fazê-la palco de sua crítica. Utilizando-se de personagens e/ou subsídios reais, o chargista reproduz graficamente sua opinião sobre determinado assunto, instigando o leitor a concordar ou discordar daquele contexto, levantando suas próprias problematizações.

Quanto à caricatura, esta é definida apenas como um desenho construído com base em excessos propositais dos atributos característicos de um indivíduo.

Caricatura, vem do italiano “caricare”, que significa carregar, e a maioria dos autores admite que ela surgiu no Renascimento, na Itália, com os irmãos Caracci. Carregar, nesse sentido, seria mesmo exagerar, ressaltar certas características do retratado, com intenção zombeteira, ou seja, atacar. Assim, a caricatura prioriza a distorção anatômica, revelando traços da personalidade do retratado. Ela não visa propriamente a crítica, mas o exagero na retratação de algo, podendo causar o riso ou não. (MARCUSCHI, 2008, p. 87).

Falar em caricatura é conceituá-la como uso exacerbado de linhas de maior expressividade de algo ou alguém como seu principal elemento caracterizante. Essa caracterização é tão excessiva que se torna cômica. Observe o exemplo abaixo, do exagero de traços característicos no desenho da Presidenta Dilma Rousseff.

## Figura 2 — Caricatura



Fonte: Os Caricaturistas/2012

<https://amandaduarteb.wordpress.com/2010/09/02/caricatura-dilma/>

É relevante destacarmos que a charge e a caricatura são interligadas, pois esta é elemento constituinte do texto chárstico. A diferenciação está no fato de que a charge apropria-se da caricatura para fazer uma crítica a um determinado contexto, como podemos ver a seguir:

**Figura 3 — Charge II**



Fonte: Buritis online/2014

<http://buritisonline.com.br/charge/dilma-agiliza-obras-da-copa-de-2014>

Nesse exemplo, vemos a caricatura da presidenta Dilma Rousseff costurando bolas de futebol. Nessa imagem, o autor faz menção à Copa do Mundo de 2014 no Brasil, dando ênfase ao que já vem sendo noticiado diariamente pela mídia nacional, que faz duras críticas à organização do evento no país, que tenta de todas as formas agilizar as obras que ficaram paradas por muito tempo, bem às vésperas do mundial.

Agora, quando falamos em cartum, a chamada “anedota gráfica”, temos espaço para a representação gráfica do imaginário.

**O cartum** se caracteriza com uma anedota gráfica em que nele podemos visualizar a presença da **linguagem verbal** associada à **não verbal**. Suas abordagens dizem respeito a situações relacionadas ao comportamento humano, mas não estão situadas no tempo, por isso são denominadas de atemporais e universais, ou seja, não fazem referência a uma personalidade em específico. (MARCUSCHI, 2002, p. 39)

Percebemos que o cartum, em distinção aos demais citados anteriormente, tem como função apenas fazer rir, já que não insere personagens reais ou fatos verdadeiros, entra no meio fantástico, é mais atemporal que a charge e é



considerado um texto de humor universal. Os cartuns, diferentemente das charges, não precisam de um conhecimento da época para ser compreendido. Veja:

**Figura 4 — Cartum**



Fonte: Folha de São Paulo/2012

<http://acervo.folha.com.br/>

Verificamos que o cartum acima aborda o contexto de as pessoas estarem tão acostumadas às redes sociais que até mesmo uma criancinha que ainda não nasceu já tem mais amigos na rede social *Facebook* que os próprios pais, despontando uma crítica a esse comportamento tão habitual das pessoas atualmente. O cartum acima trata, dessa forma, do *Facebook*, que consiste em uma forma de relação social de grande destaque na sociedade atual.

Desse modo, fazendo uma comparação entre o cartum e a charge, vemos que a charge se faz um tanto quanto diferente do cartum, pois “satiriza situações específicas, situadas no tempo e no espaço, razão pela qual se encontra sempre apontando para um personagem da vida pública em geral, às vezes um artista, outras vezes um político, enfim.” (AZEREDO, 2001, p. 23.)

Pensamos ser necessário mencionar aqui que a tirinha que é um texto sincrético, utiliza mais de um recurso de expressão. A tirinha apresenta o verbal e o visual e geralmente é composta de três e quatro quadros, tem circulação em jornais e revistas. A tirinha apresenta balões, voz de narrador e indicadores de ação, além da onomatopeia e interjeição.

De maneira geral, para que haja compreensão desses gêneros, é necessário o conhecimento do assunto tratado e do contexto. É mais corriqueiro encontrá-los

isolados, mas podem surgir em sequências curtas. Normalmente conciliam imagem e texto, no entanto é admissível apresentarem-se apenas através de imagens.

### **3.3 Linguagem verbal, não verbal e outros elementos da construção chárstica**

Como vimos anteriormente, a charge está presente no cotidiano midiático, em jornais, revistas, página de opinião, editoriais e publicações em geral, tanto impressas quando digitais (on-line). Elas repassam uma informação real de uma situação ou fato, mas fazem essa transmissão de um modo crítico e bem humorado de acordo com a visão do chargista.

As charges podem ser compostas somente por um dos tipos de linguagem. Todavia, é mais comum apresentarem linguagem verbal e não verbal em conjunto. Mas, o que seria linguagem? Por que essa subdivisão de nomenclaturas verbal e não-verbal? Bazerman (2006, p. 23) responde aos nossos questionamentos quando esclarece que:

Linguagem é o uso da língua como forma de expressão e comunicação entre as pessoas. Agora, a linguagem não é somente um conjunto de palavras faladas ou escritas, mas também de gestos e imagens. Afinal, não nos comunicamos apenas pela fala ou escrita. Dessa forma, podemos dividir a linguagem em verbal que é aquela que se utiliza de palavras quando se fala ou se escreve. E linguagem não-verbal, é a que não se utiliza de vocábulos das palavras para se comunicar. O objetivo, neste caso, não é o de expor verbalmente o que se quer dizer ou o que se está pensando, mas se utilizar de outros meios comunicativos como: placas, figuras, gestos, objetos, cores, ou seja, dos signos visuais.

Dessa forma, percebemos que nas construções chársticas a linguagem verbal, na maioria das vezes, aparece inclusa nos balões, simulando a fala ou o pensamento das personagens. Esse tipo de linguagem vai ter significado de expressão através dos desenhos (balões) que a circundam, apontados para o emissor da fala. Veja:

Figura 5 — Charge III



Fonte: Blog Juliano/2013

<https://www.facebook.com/BlogDoJulianoCamargo>

Ao analisarmos o discurso de intenções por trás da charge em questão, ficamos convencidos de que o autor utiliza-se do diálogo entre a professora e o aluno para mostrar a tendência que as pessoas trazem consigo de que um dos meios de ganhar dinheiro é entrando na política, principalmente pela desonestidade, e corrupção que se manifesta nesse meio, razão pela qual o personagem respondeu à professora dessa forma.

Pensando nisso, e analisando ferramentas de construção chárstica, outra característica comum dos textos chárstico é a linguagem verbal aparecer também em formato de legendas ou representando ruídos e sons (onomatopéias). Segundo Bazerman (2006, p. 121),

É o uso de onomatopéias que confere à charge um estilo de discurso audiovisual, consentindo uma comunicação mais realista e direta. O chargista, ao empregar as onomatopéias, pode usar as já conhecidas pela comunidade ou idealizar novas formas de representação sonora. As legendas aparecem normalmente no topo do quadro chárstico, ou centralizado ou à esquerda. Elas determinam, em geral, tempo e espaço.

Observando a figura abaixo, compreenderemos o que Bazerman (2006) quis dizer quando menciona o uso das onomatopéias como recurso linguístico audiovisual participante do discurso chárstico, as onomatopéias reproduzem os sons

que existem ao nosso redor, assim elas são muito importantes para a escrita e para a linguagem oral, elas deixam o texto mais expressivo e interessante:

**Figura 6 — Charge IV**



Fonte: Humor Tadela/2011

<http://www.humortadela.com>

Nesta charge, percebemos o emprego da onomatopeia “Atchim” remetendo a um som que foi emitido pelo galo situado na área externa ao quarto do casal. Podemos afirmar que esse recurso foi de suma importância na contextualização de tempo e espaço que o autor quis repassar ao leitor.

Mas, para isso, é preciso que o interlocutor possua o mínimo de conhecimento de mundo das notícias e fatos que circulam nos veículos de comunicação em massa. Para compreender o que há por trás desse discurso, está o fato de que o Brasil passou por um período chamado de “Gripe do Frango” ou “Gripe Aviária”, que é uma doença contagiosa causada por vírus e que foi motivo de grande preocupação para a saúde humana. Assim, a fala da mulher na charge apenas incrementa a veia cômica almejada pelo chargista.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram baseados nas indicações dadas pelos estudos de pesquisa qualitativa, baseada em levantamentos bibliográficos e análises de textos verbais e não verbais. Para Gil (2010), este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com objeto de estudo, com o objetivo de compreendê-lo melhor.

Na pesquisa qualitativa, na verdade, não se comprova numérica ou estatisticamente, porém, convence-se a partir da análise feita detalhadamente, abrangente, consistente e coerentemente, assim como na argumentação lógica das ideias. Michel (2005) deixa claro que a compreensão e a interpretação do pesquisador são fundamentais, já que se valoriza o processo e não apenas o resultado, dado que abre espaço para a interpretação.

Sendo assim, esse estudo foi realizado em três etapas: a primeira contemplou o levantamento de aporte teórico para embasar o trabalho, com autores como Brandão (2004), Maingueneau (2001) e Oliveira (2001); a segunda parte ficou com as escolhas das charges; a terceira como apreciação das intenções dos chargistas dentro do contexto da educação pública brasileira e os processos de construção linguística dos discursos verbais e não verbais presentes nas charges escolhidas.

Promovemos um diálogo entre nossas interpretações chárgicas e os tipos de recurso linguísticos utilizados pelos autores a fim de transmitir suas visões ao leitor e sua ideologia. Por conseguinte, fundamentamos nossas explanações e observações através de conceitos teóricos que discutem mecanismos de elaboração de charges.

Frisa-se que as charges analisadas foram selecionadas em sites variados da internet, de modo que tomamos como critério de escolha das mesmas o fato de elas serem atuais e terem como tema principal a crítica ao sistema educacional público brasileiro. Assim sendo, foram escolhidas 8 charges para serem analisadas dentro do viés da Análise do Discurso. Optamos por escolher apenas 8 amostras para compor o universo das charges selecionadas, a fim de viabilizar e facilitar nossas interpretações, bem como para evitar, eventualmente, a repetitividade ao longo das mesmas, para o caso de encontrarmos textos com óticas semelhantes. Desse modo, concluímos que este total serviu de parâmetro comparativo satisfatório entre os discursos analisados.

## 5 ANÁLISE DAS CHARGES UTILIZADAS COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICAS AO CONTEMPORANEO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Escolhemos como objeto de estudo desse trabalho monográfico a análise de construções chárgicas veiculadas na internet que fazem menção à realidade da educação pública brasileira. De antemão, consideramos que nossas apreciações foram realizadas à luz da corrente francesa da Análise do Discurso e, a partir dela, fundamentamos nossas percepções no aporte de teóricos que elucidam os processos de construção, aplicação e o uso de charges.

Ainda frisamos que as charges escolhidas foram utilizadas por seus autores com a finalidade de denunciar e criticar o cenário da educação nacional, mediante o emprego de enunciados, diálogos, linguagens, ideologias, sátira e humor cujas entrelinhas são permeadas de representações e valores característicos de um dado momento de forma implícita.

Vejamos a seguir nossos resultados e discussões sobre apreciação desses textos.

Figura 7 — Charge V



Fonte: Cícero.art/2013

www.cicero.art.br

Na análise dessa construção chárgica, percebemos o emprego da linguagem verbal e não verbal. O chargista Cícero utiliza-se de três personagens a fim de

passar sua mensagem. O viés dessa produção ilustra uma cena incomum de investigação criminal, apreendida através das personagens: perito (jaleco branco), delegado (colete azul com um brasão dourado) e Deputado (de paletó sentado na cadeira de couro).

Nesse enredo, o aspecto ironizante da realidade educacional pública do Brasil está relacionado à crítica feita à baixa remuneração atribuída ao trabalho de um profissional da educação, utilizando-se do exagero do óbito do deputado ao ver que seu salário foi “trocado” pelo de um professor. Vale lembrar que, em nosso país, os deputados recebem salários de alta patente.

Nesta perspectiva,

O objetivo de quem ironiza é desmascarar valores que se colocam como únicos e Verdadeiros, denunciar problemas e acontecimentos culturais, sociais e históricos. Nas charges e cartuns brasileiros podemos encontrar exemplos disso. Os cartunistas e chargistas mostram o aspecto negativo e vergonhoso em que se encontra o Brasil e, através de críticas e denúncias, expõem a situação política brasileira. (PAGLIOSA, 2005, p.43)

Consequentemente, o ápice irônico dessa charge foi o deputado ter recebido “por engano” o contracheque de um professor. Por conseguinte, assustando-se com a quantia discrepantemente inferior ao que recebe, veio a óbito.

**Figura 8 — Charge VI**



Fonte: Portal Notícias/2010

<http://www.portaldenoticias.com.br/>

O chargista utiliza nessa charge o próprio cenário de uma sala de aula para fazer sua crítica à realidade da educação pública brasileira. Percebemos na

construção não verbal desse texto uma professora e dois alunos com fisionomia bem infantil. Presume-se que se trata de educandos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Eles foram os protagonistas do efeito cômico e crítico dessa charge. Afirma-se isso a partir da observação das personagens infantis que, com tão pouca idade, já mostram-se tão críticos e reflexivos da sua própria realidade escolar.

Isso é inferido das falas do menino Zezinho, ao indagar a professora sobre o porquê do secretário de educação daquele local não ser um pedagogo, ou seja, um profissional munido de todo embasamento teórico e prático para assumir a administração de uma secretaria de educação, ao invés de um político nomeado por partidos dominantes a fim de manter o poderio entre eles. Percebe-se que o dialogismo aparece na charge, pois alguns discursos se cruzam, já que a charge retrata o descaso político com a educação.

Destaca-se então o fechamento do objetivo do autor do texto através da evasiva da resposta da professora, que pode ser interpretada na hipótese de que ela poderia não saber o que responder, ou poderia até saber, mas preferiu não manifestar o seu posicionamento referente à pergunta do Zezinho, portanto, toma uma decisão brusca de interromper o diálogo, através do emprego da expressão imperativa “Já pra diretoria”. É o interdiscurso pressupondo que não se deve pensar e criticar o sistema político vigente.

Percebeu-se nessa análise que, para chegar à compreensão da charge, o leitor precisa inferir o que o autor quis transmitir diante da simultaneidade de ideias presentes no discurso dialógico, como eles interagem um com o outro. No olhar de Flôres (2002), o discurso dialógico jamais pode ser entendido, se analisado como fato isolado. Além do que, ele pressupõe uma conexão com todos os elementos do enunciado chárigo, configurando-se como o elo de uma cadeia, ou seja, observando-se as falas dos dois personagens presentes na charge acima de maneira isolada não chegaremos à conclusão que o autor almejou repassar, pois há uma relação de dependência entre as mesmas.



**Figura 9 — Charge VII**



Fonte: Charges

[http://www.chargeonline.com.br/ Onlines/2012](http://www.chargeonline.com.br/Onlines/2012)

Latuff apresenta uma construção chágica pautada na linguagem predominantemente não verbal. Afirmamos isso visto que não há diálogos (falas) nesse texto. No entanto, os signos gráficos (Escola Pública e Propriedade Privada) dão toda significância à finalidade crítica do autor, e configuram uma participação verbal no conjunto.

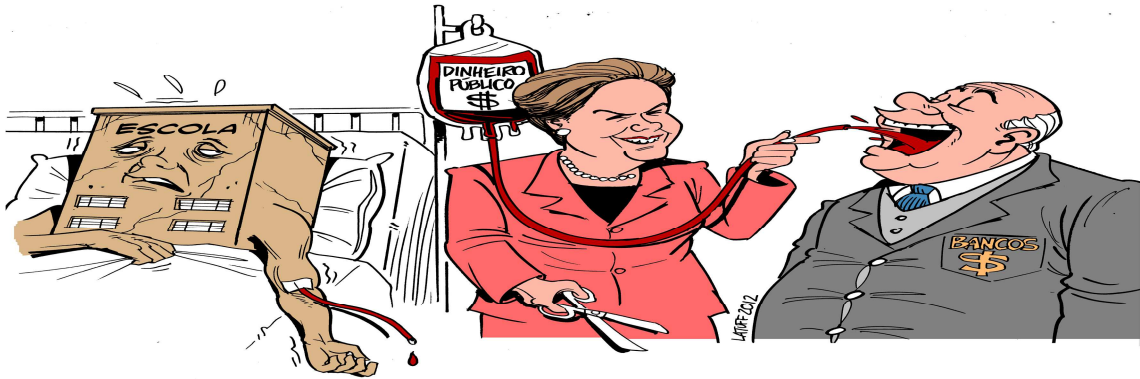
Esse tipo de recurso tem grande valia nas construções chágicas. Como nos esclarece Oliveira (2001), a linguagem verbal e a imagem podem aparecer juntas num texto, de modo que sempre haverá uma relação de sentido entre elas. Com isso percebemos que para fazer a interpretação da charge acima não podemos compreender cada uma dessas linguagens como um discurso isolado.

Assim, depreende-se do conjunto de elementos dessa organização chágica uma crítica à privatização das escolas no nosso país, o crescimento do número de instituições privadas de ensino da educação básica, como também a procura populacional pelo mesmo. Isso vem acontecendo devido às rotulações geradas pelo senso comum de que no ensino privado a qualidade e o nível de educação são bem superiores ao ensino público.

Observe que a imagem acima mostra um prédio de escola pública envolto por uma cerca de arrame farpado, indicando restrição e isolamento do local e bem à frente está à figura de um homem bem vestido fixando uma placa com a referência gráfica de “propriedade privada”. Assim, a veia denunciante desse texto satiriza o fato de que o ensino público, gratuito e de qualidade em nosso país está perdendo

espaço, pela falta de credibilidade dada a ele até pelos nossos próprios governantes.

**Figura 10 — Charge VIII**



Fonte: Charges Online/ 2012

[http://www.chargeonline.com.br/ Onlines/2012](http://www.chargeonline.com.br/Onlines/2012)

Continuamos com o chargista Lafut. Dessa vez ele deixa mais clara ainda a sua crítica ao governo brasileiro com relação aos gastos e desvios de verbas do dinheiro público que deveriam ser empregados na educação. Na imagem, não temos a apresentação de falas ou diálogos, mas contamos com as construções vocabulares “escola, dinheiro público e bancos”, presentes na composição da charge.

Além disso, notamos que, diferentemente das análises anteriores, nessa construção em especial aparece a figura caricaturada de uma personagem pública nacional. Tal representação figurativa é responsável pela natureza polêmica da charge e é essencial à crítica política da mesma. Fonseca (1999, p. 19) se refere a essa representação dizendo:

A caricatura desempenha na sociedade um papel paradoxal. Por um lado, ela deforma, para melhor fustigar. Mas por outro lado, ela se encoberta com as vestes do moralismo, do puritanismo e até mesmo do conformismo. A exploração que faz do descontentamento e da inconformidade não se exime das ambivalências e contradições peculiares às situações políticas, caindo com frequência no conservadorismo e na contradição.

Deste modo, infere-se do texto a protagonização da charge, pela figura caricaturada da presidenta do Brasil Dilma Rousseff, que aparece com uma tesoura na mão, levando-nos a concluir que ela cortou o bombeamento (verbas) de sangue

(dinheiro público) que estava aplicado no paciente (escola) para conduzir à “boca” dos Bancos.

**Figura 11 — Charge IX**



Fonte: Cicero.Art/2013

[www.cicero.art.br](http://www.cicero.art.br)

O chargista Cicero dá ênfase a evidências da criminalidade nos espaços escolares e faz uma crítica implícita a como caminha a educação cívica de nossos jovens. Aparecem nessa charge no mínimo dois discursos: a violência na escola e a desmoralização do professor. É importante frisar que, em nenhum momento, ele deixa claro se a relação aluno-professor presente na charge acima é de escola pública ou privada. Mas, pelo senso comum, o leitor já consegue inferir que o autor quis fazer uma ironia aos perfis de alunos que vem sendo o retrato do ensino público nacional. Essa cena abre vertente à exploração de várias temáticas, entre elas: porte ilegal de arma, menores infratores, subordinação ou chantagem, entre outras.

No entanto, nosso objetivo aqui é analisar o discurso voltado ao viés do atual cenário da educação pública brasileira. Então, sem dúvidas, apropriando-se das ideias de Pagliosa (2005), vemos que o chargista encontra no dia-a-dia os elementos para a construção do seu discurso, com uma visão sutil e aguda aos problemas e às moléstias sociais. Ele concretiza um trabalho linguístico, buscando situar entre traços e cores a crítica que, camuflada no riso, se torna eficaz e denunciante de uma realidade.

Logo, nessa amostra chárstica, analisamos primeiramente o perfil e as falas e expressões do menino, que, com vestimentas típicas de um garotinho entre 10 e 15 anos de idade, portando uma arma de fogo, dirige-se à professora falando bem alto. Isso é percebido pela composição visual do garoto: a boca bem aberta e olhos

fechados, emitindo os seguintes dizeres: “Aê fessora, Tu me deu zero?” Depreendemos da linguagem informal empregada nessa fala o uso de gírias. A professora imediatamente esboça uma reação de pânico e, sentindo-se coagida, segura firmemente a atividade que estava com nota zero, acrescentando anteriormente ao zero o numeral 1, compondo o numeral 10, satisfazendo assim a vontade do aluno revoltado.

**Figura 12 — Charge X**



Fonte: Charges Online/2014

[http://www.chargeonline.com.br/ Onlines/2014](http://www.chargeonline.com.br/Onlines/2014)

Percebe-se de primeira instância que essa charge vem acompanhada de um título, diferentemente das demais analisadas acima. De acordo com Flôres (2012), contudo, título em construções chárgicas é um recurso muito bem-vindo, sendo ele um elemento opcional que varia de acordo com a preferência e intenção do autor. Em alguns casos, ele se torna imprescindível, quando se quer adiantar ao interlocutor a temática abordada, para que assim ele consiga inferir a sátira do chargista como mais facilidade, ficando bem atendo à presença dos indícios verbais e não verbais.

Nessa perspectiva, após a compreensão do título, passamos a esmiuçar tal discurso chárgico, e percebemos uma construção pautada em dois personagens que dialogam entre si: um policial trajando vestimentas que o caracterizam como tal

profissional e à sua frente está um menino em trajes mais despojados ou até mesmo considerados caracterizantes de um perfil social periférico ou marginalizado: gorro na cabeça tapando os olhos, roupas estripilhadas e os pés descalços.

O detalhe que chama mais atenção na imagem em si é o plano de fundo em que ocorre essa conversa informal entre as duas personagens: uma lousa de espaço escolar. Entretanto, não está sendo utilizada como deveria, pois foi pichada pelo menino que segura um *spray* de tinta. Assim, a ironia desse discurso dialógico vem do fato que o policial, descontente com aquela situação de destruição do patrimônio público indaga o menino: “você não tem educação moleque?” O menino, por sua vez, deixa uma crítica ao cenário da educação pública no país, quando responde: “tenho, mas é de péssima qualidade”. Essa charge retrata a marginalidade e a falta de investimento na educação, sendo que esta é alvo de muitas críticas no cenário nacional e mundial, apontada como precária e desvalorizada no país, críticas que partem do baixo salário do professor, do precário investimento do governo e conseqüentemente da situação que apresenta-se dentro da sala de aula.

Figura 13 — Charge XI



Fonte: Diário do Pernambuco/2013

[www.diariodepernambuco.com.br/](http://www.diariodepernambuco.com.br/)

Analisando a construção chárstica de Angeli, percebemos vários detalhes que são indispensáveis ao aspecto irônico e ao mesmo tempo humorístico dessa charge. É visível a relação interdependente entre os planos verbal e não verbal nessa construção. Apesar de termos um balão com fala e um título apresentativo, a imagem tem um papel fundamental para que o leitor contextualize a intenção crítica do autor. Sobre essa relação de sentidos e dependências entre linguagem verbal e não verbal em textos chársticos, Pessoa (2011, p. 7) defende que:

As imagens, pelo contrário, são vistas como inerentemente vagas e ambíguas e geralmente só fazem sentido através de uma combinação com outros modos ou em meio a uma situação comunicativa pontual, limitada. A linguagem verbal é menos rica em informações que a imagem, mas tem o potencial de comunicar todas as modalidades sensoriais através da descrição, enquanto a imagem é claramente limitada à informação visual. Quanto às relações de sentido, como causalidade, negação, afirmação, tão bem articuladas pela linguagem verbal são impossíveis de serem representadas por imagens que só conseguem ilustrar a adição.

Pensando nisso, a priori observa-se o cenário e personagens da charge, na qual vemos uma sala de aula em péssimas condições (paredes rachadas, telhado esburacado) e dois detalhes que nos fazem crer que o autor ambicionou oferecer um dica ao leitor de que se referia a escolas públicas da rede rural de ensino; há uma galinha abaixo da lousa e, na cena que se passa do lado de fora da janela, há um grupo de pessoas enfileiradas com enxadas na mão, (presume-se que são trabalhadores rurais do semiárido, devido ao solo amarelado e a não presença de mata verde).

Contudo, o protagonismo da ironia do texto vem com a fala da professora que leciona nesse contexto escolar. Ela dirige-se aos alunos dizendo: “Boa notícia crianças! Agora temos computador”. Os alunos não respondem nada, apenas olham firmemente com a vista bem arregalada.

Assim, associando a linguagem verbal e não verbal desse texto e fazendo menção ao título da charge, “A modernização do ensino público brasileiro”, infere-se que o objetivo do autor foi o de criticar a noção que os próprios governantes do país possuem de modernização do ensino. Será que modernizar uma escola é apenas levar computadores e aparelhos eletrônicos à mesma? Tudo carece partir de um conjunto: deve-se modernizar o próprio âmbito escolar, a preparação docente e acima de tudo preparar e contextualizar os alunos nesse novo mundo da modernização tecnológica educacional antes de aplicá-la. Pode-se observar que a

situação da escola é precária, as paredes e tetos estiolados, parece que vai desmoronar a qualquer momento, não apresenta, portanto, condições de ensino. A professora tem uma fisionomia que visa mostrar a situação salarial do professor no país, que é alvo de reclamações e críticas e a mesma chega à classe com um computador, modo de os governantes modernizarem o ensino público, enquanto é necessário tantas outras coisa para mudar a situação do ensino público no país, a começar pela estrutura das escolas, salário do professor, merenda escolar, entre outros. Assim é possível observar na charge a perplexidade dos alunos mediante ao computador e a boa notícia que a professora anuncia que é a chegada do mesmo, sendo que as crianças, provavelmente, nem estão introduzidas na era da informática.

**Figura 14 — Charge XII**



Fonte: Charges Online/2014

[http://www.chargeonline.com.br/ Onlines/2014](http://www.chargeonline.com.br/Onlines/2014)

De primeira vista já conseguimos inferir que, nessa construção chárstica, Amorim faz uma crítica ao desvio de verbas públicas destinadas à merenda escolar. Tal exemplificação vem afirmar a visão de mundo negativa e o lado obscuro da política que faz parte da denúncia do universo charginial, como nos esclarece Pessoa (2001, p. 32):

Consideramos a charge como uma importante ferramenta antropológica para a análise do cotidiano e das relações sociais, sobretudo, as de caráter

político. Partimos do pressuposto que as charges ao criticarem determinadas situações ou pessoas possuem um caráter pessimista, uma visão de mundo negativa, que se encontra presente atrás do humor.

Nessas considerações, apreendemos na linguagem não verbal o seu foco principal: um caldeirão com macarrão dentro, dando um destaque em vermelho ao símbolo da cifra do dinheiro incluso no macarrão, e em volta situam-se duas personagens bem vestidas de terno e gravata, indicando serem homens poderosos (políticos). O detalhe está nas mãos dos mesmos, que com garfos colocam a “merenda escolar” em seus pratos. Com essa comparação, o autor quis mostrar que muitas vezes falta merenda escolar nas escolas ou qualidade de oferecimento das mesmas pelo poder público educacional do país, pelo simples fato de que elas estão indo parar nas mãos de políticos corruptos, que utilizam do dinheiro público destinado à educação em benefício próprio.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, foi possível identificar as semelhanças e diferenças presentes entre gêneros de humor gráfico, caricatura, charge e cartum. Foi interessante entender a finalidade desses formatos de humor gráfico, já que nem sempre objetivam o riso, e obrigam o leitor a refletir sobre o contexto tratado.

Além disso, percebemos que o texto chárstico tem um papel didático muito importante na sociedade. Por conseguinte, frisamos a relevância social do mesmo, baseando-se na perspectiva que muito ainda precisa ser reparado quando falamos em educação pública nacional. E, apesar do lado cômico das charges, é necessário vermos nossa realidade com outros olhos, desmitificando o equívoco de quem imagina que a charge é apenas uma piada gráfica.

Ao realizar esta pesquisa, conseguimos concluir que a análise das charges que abordam críticas ao cenário da educação brasileira revelou conteúdos e até mesmo denúncias sociais que nos fazem pensar, despertando assim nosso espírito crítico e questionador da realidade em que vivemos.

Consideramos que os teóricos classificam a Análise do Discurso como uma teoria que centraliza o objeto de estudo no discurso social, ideológico e político e não somente nos mecanismos linguísticos da fala. Desta forma, entendemos que todo discurso pode estar explícito ou subentendido, cabendo ao leitor saber interpretá-lo por meio do seu conhecimento prévio.

Com isso, concluímos que a compreensão dos pilares da Análise do Discurso foi de grande valia na análise do nosso material chárstico. Ela permitiu entendermos que o estudo do discurso infere compreender o tempo e o espaço atravessados por questões subjetivas e sociais. Observamos os discursos tendo em face seus aspectos linguísticos e visuais, sabendo que este é dialógico por natureza e compreendemos que o mesmo apresenta um universo, um espaço e um campo, entre outras características que lhes são inerentes. Assim, a Análise do Discurso, em nosso trabalho, desvelou os subentendidos através da nossa leitura de mundo sobre a temática escolhida, educação pública brasileira, o que nos permitiu inferir e captar as marcas críticas deixadas pelos charginistas, nos fazendo refletir sobre a própria realidade.

Portanto, esse trabalho ampliou nossos conhecimentos sobre as teorias da escola francesa da Análise do Discurso, além do que o trabalho e o manuseio de

charges elevou nossas percepções sobre as marcas textuais verbais e não verbais utilizadas como mecanismos linguísticos e imagéticos presentes na construção das charges analisadas para evidenciar o discurso de crítica à educação brasileira.

Acreditamos que nosso estudo é de grande valia para professores das séries iniciais, pois podem trabalhar essa temática em sala de aula e ter grande aproveitamento na absorção de conhecimentos por parte dos alunos, já que as charges causam grande interesse nas crianças. Consideramos também que fomos os próprios interlocutores dos chargistas, olhando por diferentes ângulos suas produções e atribuindo nossas interpretações e reflexões pessoais e de pesquisador de acordo com nosso conhecimento de mundo. Deste modo, encerramos esse trabalho acreditando termos logrado êxito ao aplicarmos os conhecimentos apreendidos da teoria, nas habilidades da prática de análise chárstica.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação**: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAKHTIN, M.M. Problemas da poética de Dostoievski. 3 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRANDÃO, H.N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.

FONSECA, J. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In *Gêneros Textuais e Ensino* (A. P. Dionísio et al, orgs). 2002. Lucerna. Rio de Janeiro.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez 2001.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**.1. Ed. São Paulo: Atlas, 2005. 146 p.

OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação**: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

PESSOA, A.R. **Charge como estratégia complementar de ensino**. Revista temática. São Paulo, v 2. n. 03. P. 1-11, 2011.

PAGLIOSA, E. **Humor**: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005.

## APÊNDICES



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 ( X ) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Romário de Sales Rodrigues,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

A educação brasileira como alvo de críticas no gênero textual charge: um estudo à luz da análise do discurso.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de fevereiro de 20 15.

Romário de Sales Rodrigues  
Assinatura